

Amálgamas (“A pureza é um mito”)

“Abre Gira” é a primeira exposição individual de Bruno Miguel nas Cavalariças do Parque Lage. Professor da EAV há treze anos – além de artista e curador –, nesta mostra, ele exhibe pinturas sobre tapeçarias antigas compradas em leilões. Misturando tintas acrílica, a óleo e em *spray*, os trabalhos apresentam entidades e orixás, representações sincréticas religiosas e manifestações presentes na cultura brasileira: tais como samba, capoeira e festas populares.

Épocas antigas convivem na contemporaneidade. Vivemos em uma espécie de palimpsesto histórico, onde, assim como em uma pintura, camadas mais antigas (a despeito de sobrepostas por outras mais recentes) ressoam no presente. De forma assemelhada, é a cultura em nosso país: uma combinação étnica e religiosa, na qual, por vezes, é quase indiscernível cada contribuição específica, o que resulta em uma junção tipicamente brasileira, que, em muitas situações, deu-se de maneira não pacífica.

Bruno Miguel, frequentemente, em sua produção, não parte da tela em branco, utiliza suportes já existentes, que tiveram outros usos anteriormente. Ele procura estabelecer ligações com a memória do outro (de maneira a compreendê-lo, aproximar-se dele) bem como com coisas domésticas com as quais muitos de nós podemos nos identificar. Desse modo, constrói algo conjunto, uma interseção entre alguma coisa pré-existente e a sua criação, tudo entremeado por vivências afetivas em comum, o que facilita o acesso do outro à obra. As referências *pop* e populares são frequentes na trajetória dele como artista visual.

Aqui, Bruno Miguel mistura diferentes qualidades de tinta sobre tapeçarias antigas, juntando não apenas essas técnicas e tempos – da pintura contemporânea com os fios entrelaçados de um tecido já carregado de história –, mas, igualmente, apresentando o sincretismo da umbanda (religião que professa) e também outras expressões culturais típicas do Brasil. Se grande parte da arte ocidental tem sua origem associada à pintura religiosa cristã, ao retratar elementos de uma crença de matriz africana sobre tapetes, cuja origem é de uma tradição europeia, o artista ressignifica esses tecidos e acrescenta a eles a cultura miscigenada brasileira. Nesse processo, o artista inverte a lógica do protagonismo.

Na maioria das composições, com certa influência das pinturas de Djanira e de variadas representações anônimas, o forte contraste entre as cores vivas utilizadas pelo pintor e as sóbrias tapeçarias desgastadas acentua as diferenças entre os materiais e os

estilos, explicitando sua mestiçagem. Todavia, essa junção está harmonizada nos trabalhos. O artista se referiu a esse encontro como um “choque estético temporal”.

É desde 2010 que ele pinta sobre esse suporte específico. Quase todos os tapetes desta exposição são dos tipos genericamente chamados de Gobelin e Abusson, que possuem suas origens na França há, pelo menos, seiscentos anos. Antes do advento da tinta a óleo e das telas específicas para pintura, tapeçarias enfeitavam paredes de castelos medievais europeus. Com o tempo, essas produções, inicialmente artesanais que, em alguns períodos, eram destinadas à realeza francesa, foram se popularizando, chegando posteriormente à decoração de paredes de lares em nosso país. Hoje, também são fabricados industrialmente na China.

O conjunto apresentado em “Abre Gira” teve início durante a pandemia de Covid-19, coincidindo com o despertar mediúnico de Bruno Miguel. Durante todo o processo e desenvolvimento da pesquisa, ele consultou e respeitou seus guias espirituais, irmãos de fé e seu pai de santo. Para o artista: “‘Abre Gira’ é respeito, amor e muito axé.”

André Sheik, fevereiro de 2022.